

# José van den Besselaar (1916-1991) e seu *Propylaeum Latinum*

*José van den Besselaar (1916-1991) e seu  
Propylaeum Latinum*

Alessandro Beccari  
UNESP/FCL-Assis<sup>1</sup>

## RESUMO

O principal objetivo deste artigo é apresentar um breve delineamento da biografia do latinista, historiador e lusitanista holandês José van den Besselaar (Josephus Jacobus van den Besselaar (1916-1991)) e alguns aspectos de sua contribuição como autor do *Propylaeum Latinum: sintaxe latina superior* (1960), em que o gramático holandês empreende análises baseadas em uma vertente germânica da gramática tradicional e utiliza noções e procedimentos oriundos da linguística histórico-comparativa. Ademais, neste artigo, objetiva-se efetuar uma primeira discussão das ideias e procedimentos contidos no *Propylaeum Latinum* tendo em conta sua relevância para uma historiografia do ensino dos conteúdos avançados de sintaxe latina para falantes do português do Brasil. O trabalho de Besselaar é aqui comparado com o de outros gramáticos que lhe foram contemporâneos ou são por ele citados, principalmente Rubio (1966), Ernout e Thomas (1953), Tovar (1946) e Palmer (1954), com o intuito de identificar em que medida haveria continuidades e/ou possíveis inovações na abordagem de Besselaar em contraste com esses gramáticos. Na análise historiográfica, têm-se em mente as seguintes noções da Historiografia Linguística ou da História e Filosofia da Ciência: a relatividade das teorias científicas (KUHN, 2009 [1963]), a pesquisa científica como atividade não autônoma e retoricamente controlada (MURRAY, 1989), as continuidades e discontinuidades previstas nos modelos e princípios de Koerner (1989), os programas de investigação propostos por Swiggers (2004).

**Palavras-chave:** *José van den Besselaar. Sintaxe Latina. Historiografia Linguística.*

---

<sup>1</sup> Gostaria de agradecer a contribuição de Tanya Anneliese Carrero de Castro (graduada do curso de Letras da FCL-Assis) para a realização deste artigo, o qual apresenta resultados de pesquisa desenvolvida por ela sob minha orientação em duas iniciações científicas do PIBIC, na UNESP/FCL-Assis, entre 2016 e 2018.

## ABSTRACT

The main objective of this article is to present a brief initial outline of the biography of the Dutch latinist, historian and lusitanist José van den Besselaar (Josephus Jacobus van den Besselaar (1916-1991)) and some aspects of his contribution as the author of the *Propylaeum Latinum: sintaxe latina superior* (1960), in which the Dutch grammarian undertakes analyzes based on a Germanic strand of Traditional Grammar and uses notions and procedures derived from Historical and Comparative Linguistics. Moreover, this article aims to carry out a first discussion of the ideas and procedures contained in the *Propylaeum Latinum* taking into account its relevance for a historiography of the teaching of the advanced contents of Latin syntax to speakers of Brazilian Portuguese. Besselaar's work is also compared to that of other grammarians who either were his contemporaries or were mentioned by him, as Rubio (1966), Ernout and Thomas (1953), Tovar (1946) and Palmer (1954) in order to identify to what extent there would be continuities and/or innovative proposals in Besselaar's approach in contrast to other grammarians. The following notions from Linguistic Historiography or The History and Philosophy of Science form the guidelines for the historiographical analysis: the relativity of scientific theories (KUHN, 2009 [1963]), scientific research as a non-autonomous and rhetorically controlled activity (MURRAY, 1989), the continuities and discontinuities foreseen in the models and principles of Koerner (1989), the research programs proposed by Swiggers (2004).

**Keywords:** *José van den Besselaar. Latin Syntax. Linguistic Historiography.*

## 1. Vida e obra<sup>2</sup>

127

José van den Besselaar nasceu na cidade de Valkenswaard, Holanda. Fez estudos secundários em Eindhoven, depois foi aluno da Universidade Católica de Nijmegen, onde frequentou o curso de Filologia Clássica de 1934 a 1940. Foi professor de escolas de ensino médio em Nijmegen, Amersfoort e Oss. Defendeu sua tese de doutoramento, intitulada *Cassiodorus Senator en zijn Variaie*, quatro dias antes da libertação da Europa da opressão nazista, a 4 de maio de 1945. Sua tese foi reimpressa como livro, com o título *O Senador Cassiodoro. Vida e obras de um homem de estado e monge do século sexto*, publicado pela editora Haarem-Antwerpen, Gottmer, em 1950 (FREIRE, 1991, p. 224).

Emigrou para o Brasil em 1949. Em sua atividade profissional no país, primeiramente foi docente em estabelecimentos de ensino médio frequentados pela comunidade de imigrantes neerlandesa. Nessa ocasião,

---

2 As informações biográficas aqui apresentadas provêm de um texto de autoria de José Geraldes Freire, publicado em *Humanitas*, um periódico da Universidade de Coimbra, em 1991, no boletim de notícias “Notícias e Comentários” (p. 225-229) com o título “*In memoriam* de José van den Besselaar (1916-1991)”.

atuou como professor em uma colônia localizada na futura cidade de Holambra, no interior de SP.

A Universidade Católica de São Paulo contratou-o como professor de História Antiga e de Metodologia da História, onde lecionou de 1952 até 1958. Logo em seguida, foi contratado pela então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, futura FCL-UNESP, onde lhe foram confiadas as disciplinas de Língua e Literatura Latina, nos anos de 1959 a 1960. Foi o primeiro chefe do Departamento de Letras Clássicas da então recém-fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis. Após esse período, regressou para a Holanda, onde foi trabalhar no Instituto Espanhol e Italiano da Universidade de Nijmegen. A antiga *alma mater* expandia suas áreas para incluir o Português. Foi docente dessa instituição de 1961 a 1966. Promovido, em seguida, à categoria de leitor e, posteriormente, em 1979, professor catedrático, foi desde então habilitado para orientar e defender teses na área de Português. Professor jubilado, faleceu em 1991.

Figura 1 – Professor José van den Besselaar, primeiro chefe do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis



Fonte: CEDAP-Unesp/Assis.<sup>3</sup>

Besselaar publicou livros em diferentes áreas: Estudos Clássicos, Língua Latina, Filologia, Linguística, História e Literatura. Entre os assuntos pesquisados por ele, é notável seu grande interesse pela vida e obra do Padre Vieira. Suas principais publicações, quando de sua permanência no Brasil, foram *Introdução aos estudos históricos* (1958) e a obra que será discutida

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://unespcedap.wixsite.com/exposicoesvirtuais/galeria-de-fotos?lightbox=dataItem-ijbmp6tt>>. Acesso em 18/3/2021.

neste artigo, o *Propylaeum Latinum: sintaxe latina superior* (1960) (Doravante, *Propylaeum Latinum* ou simplesmente *Propylaeum*). É de particular interesse a abordagem que o gramático holandês faz da sintaxe latina nessa obra, em que há uma sistematização em que convergem análises baseadas em uma vertente germânica da Gramática Tradicional Latina, adaptada por ele a suas necessidades docentes no Brasil, e noções e procedimentos derivados da Linguística histórico-comparativa do séc. XIX. Embora o *Propylaeum* seja atualmente pouco utilizado no Brasil para o ensino do latim, é reconhecidamente um dos mais completos materiais didáticos, em língua portuguesa, para a introdução dos conteúdos avançados desse idioma.

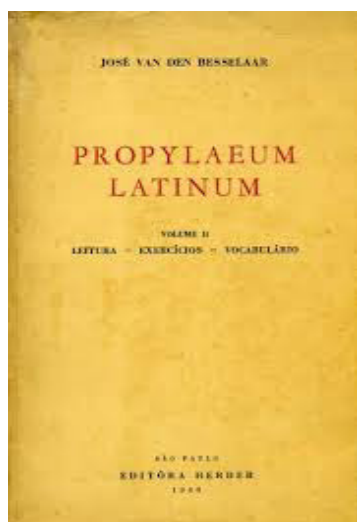
Apesar da importância de seu trabalho como gramático, linguista, professor e autor de obras para o ensino de línguas<sup>4</sup>, Besselaar ficou mais conhecido como lusitanista. De fato, foi considerado um dos maiores especialistas do séc. XX da obra do Padre Vieira, a quem dedicou um livro em dois volumes: *Antônio Vieira. História do futuro (Livro Antepimeiro)* (1976), publicados pela editora Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, de Münster, Westfalen, considerado seu *opus Magnum*. O segundo volume dessa obra consiste em uma edição do célebre livro de Vieira, acompanhada de uma bibliografia, uma introdução e um aparato crítico (FREIRE, 1991, p. 226). Um de seus últimos livros sobre Vieira, *Antônio Vieira: profecia e polêmica*, foi publicado no Brasil pela Eduerj em 2002.

A abordagem utilizada por Besselaar na maior parte dos volumes do *Propylaeum Latinum* corresponde à perspectiva da Gramática Tradicional e sua didática é basicamente o Método da Gramática e Tradução, pautado por leituras e atividades lúdicas, como jogos, enigmas e tradução de provérbios, nisso não se afastando muito de outros autores de gramáticas latinas escolares de sua época. Todavia, a falta de inovação é apenas aparente, já que se identificam facilmente dois níveis no *Propylaeum*: o da introdução dos conteúdos, que ocupa o corpo principal do primeiro volume e segue majoritariamente a gramática tradicional, e o do aprofundamento, que se encontra em um capítulo chamado *Anotações* – o décimo terceiro do primeiro volume, a partir da página 347 – constituído de estudos de viés comparatista, em que são reexaminados os conteúdos apresentados nos primeiros doze capítulos. De fato, são nessas *Anotações*, provavelmente mais direcionadas ao professor de latim que ao aluno, em que Besselaar demonstra seus conhecimentos de linguística histórico-comparativa ao discutir questões relativas aos conteúdos introduzidos de acordo com a gramática tradicional na primeira parte.

---

4 Vale dizer que Besselaar escreveu um livro didático de Português do Brasil para falantes do holandês intitulado *Het Portugees van Brazilië met aanvullingen voor het Europese Portugees*, que teve cinco edições: 1963, 1964, 1970, 1976 e 1983, a última pela APA-Holland University Press de Amsterdã.

Figura 2: Capa da 1ª edição (1960), Volume II



Fonte: Google imagens.<sup>5</sup>

Uma das especificidades do *Propylaeum*, possivelmente sem precedentes no que diz respeito ao ensino dos conteúdos avançados de sintaxe latina em terras brasileiras, é o fato de conter um estudo teórico sobre a sintaxe latina em sua relação com a sintaxe do português do Brasil, e justamente por esse motivo deve ser considerado um rico material didático para o ensino dessa disciplina para o público brasileiro. Nesse sentido, vale ressaltar que um levantamento das ideias e práticas contidas no *Propylaeum* é de grande relevância para a história das reflexões acerca da didática do latim no país.

A título de exemplo da abordagem empregada por Besselaar no *Propylaeum*, a seguir será examinada uma das instâncias de seu tratamento de um conjunto de fenômenos sintáticos muito comuns em latim, que normalmente são ensinados como conteúdo avançado: os usos do infinitivo. O tratamento de Besselaar acerca daquilo que chama de proposição infinitiva será comparado ao de outros gramáticos.

## 2. O infinitivo no *Propylaeum* e outras gramáticas

O décimo segundo parágrafo do primeiro capítulo do primeiro volume do *Propylaeum Latinum* é dedicado ao ensino de conteúdo referente ao tempo na proposição infinitiva – em divisão mais específica, tempo absoluto e tempo relativo. Ao infinitivo propriamente dito é dedicado todo o primeiro capítulo do *Propylaeum Latinum*, que Besselaar divide em 17 partes. Na primeira parte, encontra-se a divisão tradicional das formas do infinitivo latino: seis formas para verbos que o autor chama de normais ou não depoentes:

<sup>5</sup> Disponível em: <[https://www.google.com/search?q=propylaeum+latinum&rlz=1C1GCEA\\_enBR849BR849&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKEwifvsCp-tbrvAhUdILkGHYxNDGgQ\\_AUoAnoECAMQBA&biw=1366&bih=625#imgrc=6IL9RagL4jde-M](https://www.google.com/search?q=propylaeum+latinum&rlz=1C1GCEA_enBR849BR849&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKEwifvsCp-tbrvAhUdILkGHYxNDGgQ_AUoAnoECAMQBA&biw=1366&bih=625#imgrc=6IL9RagL4jde-M)>. Acesso em 18/3/2021.

perfeito, presente e futuro, nas vozes ativa e passiva, e três formas para os verbos depoentes: perfeito, presente, futuro. São listados quatro empregos ou funções do infinitivo: como sujeito, objeto, em proposições infinitivas: acusativas (A.c.I.)<sup>6</sup> e nominativas, em construções isoladas.

A preocupação de Besselaar no *Propylaeum* é eminentemente pedagógica. Nesse sentido, há um esforço do gramático holandês em utilizar uma linguagem que possa ser entendida pelo aluno brasileiro. Entretanto, essa preocupação não representa uma mera simplificação dos conteúdos em vista de um público de aprendizes. Como foi dito na seção anterior, o *Propylaeum Latinum* tem dois níveis: o da aprendizagem, no corpo principal do texto, e o do aprofundamento, que se encontra em um capítulo chamado *Anotações*. Nas *Anotações*, Besselaar assume o paradigma histórico-comparativo de uma forma palatável ao iniciante fazendo comparações entre o latim e o português, e comparando o latim e o português com línguas românicas e também com línguas germânicas, como o neerlandês, o inglês e o alemão. Nessas discussões, percebe-se o impacto dos autores citados por Besselaar em sua bibliografia: Palmer (1954), Ernout (1951), Regula (1951), Sommer (1930), Woltjer (1924). Embora todos esses autores, nos prefácios e introduções de suas obras, declarem afinidade com o comparatismo alemão, assim como Besselaar, também fazem uso da gramática tradicional em sua metalinguagem e análise sintática. A motivação para essa adesão a dois sistemas tão distintos no ensino da língua latina tem relação com duas premissas, defendidas por esses autores: embora em muitas instâncias a gramática tradicional tivesse sido superado pelo comparatismo, isso não se dava no caso da sintaxe, já que, nessa instância, o sistema lógico-aristotélico não havia sido superado; ademais, com relação à morfologia, o público interessado em aprender os rudimentos do latim não estaria preparado para utilizar o sistema histórico-comparativo de análise. Portanto, segundo os gramáticos citados por Besselaar, alguma variante da gramática tradicional ainda era necessária para o ensino do latim no ambiente escolar e universitário.

A definição de língua de Besselaar, como linguista histórico-comparativo, é, portanto, de conjunto de formas que apresentam correspondências laterais e verticais situadas no tempo (SWIGGERS, 2004, p. 128). Tendo em conta a presença tanto da gramática tradicional quanto dos estudos histórico-comparativos no *Propylaeum*, entende-se que a concepção de história dos estudos da linguagem, para Besselaar, é cumulativa, a saber, os desenvolvimentos atuais devem ser entendidos como uma evolução linear ou um resultado dos conhecimentos gerados por pesquisas anteriores.

---

6 A construção de acusativo com infinitivo em latim (tradicionalmente abreviada como A. c. I.) corresponde a um período em que a oração subordinada não é introduzida por nenhuma conjunção, e a expressão inteira, subordinada ao verbo da oração principal, funciona como objeto deste, de forma que o substantivo sujeito da oração subordinada recebe caso acusativo, e o verbo da oração subordinada, sem conjunção para fazer com que se flexione, mantém-se no infinitivo.

Besselaar adota, portanto, um modelo cumulativo para a história das reflexões linguísticas, pois assume em sua prática que o programa histórico-comparativo é a evolução natural dos estudos gramaticais que dará conta da descrição dos processos evolutivos das construções latinas (KOERNER, 1989, p. 51-52). Daí que a retórica utilizada por Besselaar seja uma de compromisso com a gramática tradicional, porém, sem deixar de apresentar a seus leitores o uso daquilo que, em sua época, era o estado da arte da pesquisa em linguística aplicada ao ensino de línguas clássicas: o paradigma histórico-comparativo. Não se trata, portanto, de uma retórica revolucionária, interessada em desvincular-se da gramática tradicional (MURRAY, 1998, p. 25) e aderir integralmente ao comparatismo. Nesse sentido, nos capítulos 1 a 12, Besselaar trabalha com o modelo tradicional, mas no capítulo 13, que chama de *Anotações*, faz uso do paradigma histórico-comparativo na análise dos fenômenos apresentados nos capítulos anteriores, sem dar maiores explicações a respeito desse método híbrido de exposição. Assim, no *Propylaeum Latinum* não há evidências de uma quebra de paradigmas na história dos estudos da linguagem, mas representa um exemplo de uma fase de ciência normal (KUHN, 2009 [1963]), em que se identificam tentativas de assimilação de novas descobertas em prol da manutenção de um paradigma mais antigo.

Ao levar em conta as leituras dos prefácios e introduções de obras citadas por Besselaar ou contemporâneas ao *Propylaeum*, vale dizer que as mesmas constatações podem ser aplicadas à maioria dos gramáticos com os quais se compara o trabalho de Besselaar, excetuando-se Rubio (1966), que explicita em sua introdução a intenção de escrever uma gramática estruturalista que de fato rompesse com a tradição. Tovar (1946) reconhece o paradigma histórico-comparativo como o mais atual, mas afirma que este ainda (meados dos anos 1940) deve muito à teoria tradicional, por isso opta por essa teoria em alguns dos tópicos mais complexos de sintaxe, como em seu estudo das orações subordinadas.

Nos próximos parágrafos, será apresentado, sumariamente, o tratamento que Besselaar dá ao infinitivo latino, com ênfase em suas discussões a respeito do infinitivo relativo. Em seguida, será visto o tratamento que gramáticos contemporâneos a Besselaar dão a esse mesmo conteúdo, com o intuito de examinar em que sentido pode se dizer que o autor faça parte de uma mesma tradição gramatical ou difira dela, tendo em conta seu tratamento do infinitivo, especialmente o infinitivo relativo. Os gramáticos aqui considerados são Tovar (1946), Palmer (1954), Ernout e Thomas (1951) e Rubio<sup>7</sup> (1966).

---

7 Embora Rubio (1966) seja um pouco posterior à publicação do *Propylaeum* (1960), suas ideias a respeito do infinitivo serão analisadas, pois há nele uma intenção declarada de rompimento com a gramática tradicional, paradigma adotado nas décadas imediatamente anteriores, em que, como será visto, inclui-se o trabalho de Besselaar.



Besselaar indica a ocorrência do infinitivo sujeito de uma oração em construções de que participam verbos impessoais (*decet, oportet* etc.) e em construções com *esse* e nome predicativo (1960, p. 2). O infinitivo objeto direto de uma oração é apresentado em combinação com uma lista de verbos que exprimem vontade (*cupere*), intenção (*constituere*), esforço (*conari*), possibilidade (*posse/quire*), obrigação (*debere*), início (*coepisse*) e fim (*desistere*). O autor observa que muitos verbos dessas listas admitem outras construções, que serão vistas por ele posteriormente na obra; apresenta uma construção típica: *esse* + nome predicativo no nominativo: *Nemo beatus esse potest sine uirtute*.

A partir da página 4, começa a apresentação do *Accusativus cum infinitivo* (A. c. I.). Besselaar aponta diferenças entre a língua portuguesa e o latim. Em português, ‘Julgo que meu amigo fala a verdade’ é menos sintética que a latina correspondente, em que se usa o A. c. I.: *Puto amicum meum uerum dicere*. Comenta que uma construção similar (*Puto quod/quia amicus meus uerum dicere*) é gramatical em latim vulgar, mas não no clássico. Besselaar afirma que, em inglês moderno, é bastante comum: *I want you to know* (“Quero que saibas”).

Como se vê, o gramático holandês faz uso de exemplos do inglês moderno. Além disso, também utiliza, em suas comparações, exemplos do holandês e do alemão, por exemplo, para a explicação do funcionamento de estruturas latinas e portuguesas, e o faz sempre do ponto de vista diacrônico. Assim, (BESSELAAR, 1960, p. 348), declara que as partículas *to* (em inglês), *zu* (em alemão) e *te* (holandês) perderam, aos poucos, seu caráter locativo simples (de lugar onde), privilegiando o significado de partículas de locativo final (para onde); em seguida, tornaram-se partículas de objeto direto nessas línguas (*I want to know*). De maneira similar, o emprego do infinitivo *laudare*, como antiga forma de locativo (*lauda-s-i*), teria passado por uma mudança paralela a das línguas germânicas, sendo que a forma infinitiva teria se generalizado, por analogia, a outros verbos que expressam vontade, esforço, intenção, obrigação, iniciativa etc.: *cupio laudare, statuo laudare, incipio laudare* etc., o que teria contribuído com o surgimento do A. c. I. do latim. Essa discussão encontra-se no capítulo 13, seção reservada às anotações e aprofundamentos, anteriormente mencionada.

A prática de comparação de desenvolvimentos paralelos é uma metodologia didática comum no *Propylaeum Latinum*, o que demonstra os pressupostos histórico-comparativos do pensamento linguístico de Besselaar. Algo que se deve acrescentar é que assim como em outros gramáticos do período, não há referência explícita dos autores utilizados por Besselaar nas discussões feitas por ele. Tudo o que existe é uma bibliografia sumária, a qual é apresentada no item “Obras consultadas”, localizada logo depois da página final do “Prefácio” (1960, p. xvi).

Depois de discutir algumas questões de concordância, ambiguidade e como evitar problemas de tradução, Besselaar apresenta, na parte 6, os três grupos de verbos que admitem o A. c. I.: 1) *Verba sentiendi et declarandi* (percepção, pensamento ou expressão de um pensamento; 2) *Verba affectuum* (afetos e sentimentos); 3) *Verba voluntatis* (volição, desejo, coação etc.); 4) *Verba impersonalia* (muitos verbos impessoais) e locuções compostas de *esse* + nome predicativo (BESSELAAR, 1960, p. 5-6).

Observamos que Besselaar utiliza o termo “cláusula” no lugar de “oração” ou “sentença”. Dessa forma, ele chama as orações de A. c. I. de “cláusulas integrantes subjetivas” (4) ou “objetivas” (1, 2, 3), o que pode apontar para uma metalinguagem de tradição anglo-saxônica ou germânica.

Na parte 7, Besselaar apresenta listas de verbos que se enquadram nos três grupos apresentados acima. Além disso, tece alguns comentários, possivelmente com a preocupação implícita de discutir problemas relacionados à tradução, já que traduzir é segundo ele a principal habilidade do latinista e está intimamente ligada ao conhecimento da sintaxe. Nesse sentido, na Parte 9 (BESSELAAR, 1960, p. 10), o autor compara a construção latina gramatical *Vetuit eos uerum dicere* com as várias construções em língua portuguesa com formas verbais do mesmo campo semântico de *uetuit*, a saber: “proibiu”, “ensinou”, “ordenou”, “mandou”, “permitiu”, “deixou”, dizendo que, em latim, “sempre se deve usar o A. c. I., independentemente da construção empregada em português”, ou seja, sem levar em conta as regências dos verbos portugueses correspondentes.

Nesta altura, o autor também faz outra observação importante para o tradutor, em especial quando se trata de versões do português para o latim: o fenômeno da explicitação do sujeito da oração infinitiva, na forma pronominal (*te, me, se* ou *sese* etc.), obrigatória em latim quando o sujeito da oração principal identifica-se com o da proposição infinitiva. Por exemplo, *Dico me esse aegrotum* (“Digo que estou doente”), *Dicis te esse aegrotum*. O que não acontece em *Paulus dicit eum (Petrum) esse aegrotum*<sup>8</sup>.

A apresentação da noção de tempo na proposição infinitiva é possivelmente uma das contribuições mais originais de Besselaar para os estudos gramaticais do latim no Brasil, especialmente no que tange ao ensino desse conteúdo, que o autor introduz na parte 12. O tempo da preposição infinitiva, não é, para o gramático holandês, obviamente igual ao tempo cronológico, e sim ao tempo (*tense*) gramatical. Nesse sentido, o presente do infinitivo (*Present Tense*) corresponde à simultaneidade entre o verbo no infinitivo e o verbo da oração principal, que pode estar em qualquer tempo e/ou aspecto verbal. Igualmente, o infinitivo perfeito e futuro latinos correspondem respectivamente à anterioridade ou posterioridade com

8 Besselaar utiliza mais exemplos fabricados por ele mesmo do que citações dos clássicos, certamente tendo em vista seu público, já que também faz uso de frases traduzidas do português do Brasil, como vimos acima.

relação ao significado do verbo da proposição principal. Portanto, Besselaar faz distinção entre o tempo absoluto do verbo principal e o tempo que se relaciona ao verbo principal, a saber: o tempo relativo do infinitivo. O autor anuncia que voltará a esse assunto em seu tratamento do verbo finito, no quinto capítulo.

Novamente, o autor chama a atenção do leitor para as diferenças entre o português e o latim: enquanto, em português, uma frase como ‘A menina promete voltar logo’ significa o mesmo que ‘A menina promete que voltará logo’, em latim, a forma infinitiva (“voltar”) precisa explicitar o tempo relativo (nesse caso, a posterioridade): *Puella pollicetur se mox redituram (esse)* (BESSELAAR, 1960, p. 14).

Na parte 14, última dedicada ao A. c. I., o gramático holandês discute e sugere, resumidamente, algumas possibilidades para a tradução de um A. c. I., propondo inclusive uma tradução para a língua portuguesa muito próxima do latim, a qual qualifica de uma forma “mais elevada” do português: *Dicunt hunc librum utilissimum esse*, “Dizem ser muito útil este livro”. Neste passo, mais uma vez constatamos a preocupação central de Besselaar: sugerir alternativas de tradução tendo em vista as dificuldades que um latinista brasileiro poderia enfrentar em seu trabalho.

A seguir serão considerados os trabalhos de alguns gramáticos contemporâneos a Besselaar ou citados por ele no *Propylaeum*: Palmer (1954) e Ernout (1951), mencionados na biografia, Tovar (1946), cuja sintaxe é publicada no período de atividade de Besselaar como professor de latim ainda na Holanda, e Rubio (1966), um pouco posterior à estadia do gramático neerlandês no Brasil – como foi dito anteriormente, a sintaxe estruturalista de Rubio serve de contraponto para o trabalho de Besselaar e dos outros gramáticos discutidos.

A *Gramática histórica latina: sintaxis*, de Tovar (1946) é um texto histórico-comparativo híbrido. No “Prólogo”, Tovar declara que a linguística histórico-comparativa é um desenvolvimento do aristotelismo da gramática tradicional (TOVAR, 1946, p. v). Os estudos gramaticais tradicionais são entendidos por ele como uma ciência que evoluiu gradualmente, sendo a sintaxe a parte de evolução mais recente. Para Tovar, em sintaxe, à época em que ele escreve a sua obra, ainda persistiam ideias como as do escolástico Alexandre de Villa Dei (séc. XII).

Ainda no “Prólogo”, faz menção a Sanctius (séc. XVI), como autor de uma sintaxe de grande importância para a história dessa disciplina, porém, não explica em que consistiria a importância da obra de Sanctius nem tece maiores comentários. Cita Hoffmann como influência mais importante em seu presente trabalho. Também menciona Wackernagel, Löfstedt, Riemann e Havers – este último, segundo Tovar, teria formulado considerações psicológicas importantes para o estudo da sintaxe.

Apesar de considerar a gramática tradicional, que chama de aristotélica, como tendo sido em grande parte superada pelo comparatismo alemão desde o séc. XIX, Tovar não abre mão das ideias tradicionais, pois as considera úteis para a didática do latim e por considerar que a sintaxe histórico-comparativa do seu tempo ainda não havia superado completamente a análise tradicional. Nesse sentido, procura tirar proveito dos “novos” conceitos (histórico-comparativos) na medida em que se fundamentam nos conceitos tradicionais, como no caso do “concepto de completivas” e na classificação das “subordinadas conjuncionales”, que afirma estar em conformidade com a lógica de Aristóteles e Port-Royal (TOVAR, 1946, p. vii). Nesse sentido, a sintaxe de Tovar é híbrida: procura articular conceitos da linguística histórico-comparativa com elementos de viés platônico-aristotélicos (estoicos, medievais, humanistas e racionalistas). Embora novas pesquisas tenham que ser feitas, pode se pensar que esse hibridismo era comum nas gramáticas do latim desse período, como o presente estudo do *Propylaeum Latinum* parece confirmar.

Em sua “Introdução”, Tovar afirma que os linguistas alemães do final do séc. XIX são os primeiros modernos a tentar delimitar o campo de abrangência da sintaxe. Brugmann teria feito isso no *Grundriss*, ao separar oração, concordância, oração composta (sintaxe) de nome, gênero, número e caso, artigo e verbo (morfologia). Já Wackernagel, outro autor muito citado por Tovar, teria, segundo o gramático espanhol, aderido completamente ao conceito tradicional, enquanto em Meillet-Vendryes haveria um sistema misto: *les mots* (gênero, número e caso), *la phrase* (o resto).

Na ordem dos assuntos, Tovar afirma seguir Hoffmann no que chama de uma delimitação mais próxima da tradicional, pois, segundo esse autor, o desenvolvimento da sintaxe havia sido lento e o peso da tradição, à época em que escreveu sua gramática histórica, ainda era muito grande.

Tovar valoriza muito as considerações psicológicas sobre a sintaxe, que, segundo ele, foram desenvolvidas entre os anos 1875-1880, por linguistas germânicos, e cita uma de suas obras em que trata do assunto: *Lingüística e filología clásica*, publicada em Madri (1944, p. 99). Ressalte-se que o autor dá muita importância ao procedimento de comparação entre línguas, em perspectiva diacrônica, como Besselaar no *Propylaeum*.

Segundo Tovar, a palavra isolada é uma abstração (1946, p. 03). Só existem, de fato, frases. Sua definição de oração é a seguinte: “expressão verbal de um juízo”. Há, para ele, outros processos psíquicos que não são juízos: ordens, exortações, desejos, pesares etc., mas não há palavras isoladas que não correspondam a frases ou partes de frases. Seu conceito de frase nominal vem de Meillet; distingue três tipos de frase: verbal, nominal ou mista.

A partir da página 142, no capítulo VIII de sua gramática, Tovar começa a tratar das formas nominais do verbo. Chama o infinitivo de “forma verboide”, baseando-se, segundo ele, em Jespersen. Para Tovar, os infinitivos

são antigos nomes verbais que foram incorporados tardiamente ao sistema de conjugações verbais. Essa é também a opinião de Besselaar nas *Anotações*. Segundo o professor de Salamanca, o infinitivo é estático em contraposição ao particípio, que é dinâmico e muito frequente em narrações.

O antigo valor nominal do infinitivo latino aparece, segundo Tovar, em Ênio e nos comediógrafos do séc. III a.C. No sentido de corroborar suas afirmações a respeito dos diferentes usos das construções de infinitivo, o gramático espanhol apresenta muitas citações de autores da época arcaica (séc. III a.C.), clássica (Cícero) e da Antiguidade Tardia: principalmente Tertuliano e Santo Agostinho (séc. IV d.C.). Para ele, a evolução de uma forma nominal para uma verbal está relacionada ao acréscimo de regência (de caso ou preposição) ou à atribuição de um adjetivo (TOVAR, 1946, p. 143-144).

Nas partes 262, 263 e 264 de sua gramática, Tovar apresenta, respectivamente: o infinitivo adnominal (que tem função exclusiva de nominativo); como dependente de verbos; com a função de forma finita, de que distingue três usos: a) em frases exclamativas; b) como imperativo proibitivo; c) como infinitivo histórico. Há uma lista de todos os tipos de verbos que regem o infinitivo, semelhante aos grupos propostos por Besselaar, porém, com exemplos exaustivos dos autores, especialmente dos arcaicos. Demonstra também uma preocupação com o uso de determinadas construções nos poetas, que comprovem hipóteses de transformação da língua por ele apontadas. Portanto, ao discutir o infinitivo, a perspectiva de Tovar é diacrônica: observa a evolução dos usos do infinitivo na história da língua latina, como aparece nos autores. Nesse aspecto, a discussão de Tovar aproxima-se do modo de exposição de Besselaar nas *Anotações* do Capítulo XIII do *Propylaeum Latinum*.

O livro *The Latin Language*, de Palmer (1954), é parte de uma coleção de livros de introdução a diferentes línguas que tem o título *The Great Languages*; a coleção foi editada pelo próprio Palmer e publicada pela Faber and Faber Limited, de Londres. Fazem parte da coleção *The Greek Language: Russian and the Slavonic Languages*, *The Spanish Language, together with Portuguese, Catalan, Basque*, entre outros. Todas as obras são dedicadas a línguas consideradas por Palmer como sendo de grande importância linguística e cultural. São materiais voltados principalmente para o iniciante, como afirma o autor e editor: “not primarily adressed to specialists” (PALMER, 1954, p. vii).

Em *The Latin Language*, Palmer assume as premissas comparatistas: utiliza diversos exemplos de comparação entre línguas e considera os diferentes tempos do latim. A perspectiva é sempre diacrônica. Da gramática tradicional, Palmer utiliza a nomenclatura, mas o tipo de análise é histórico-comparativo. Não se trata de um livro didático ou de uma gramática, mas de uma descrição histórica da língua latina. Besselaar menciona Palmer como “obra sintética que revela originalidade e espírito crítico” (BESSELAAR, 1959,

p. xv). Palmer inclui os infinitivos latinos na classe dos nomes deverbais, e diz que se trata de inovação da língua latina, não tendo qualquer coisa em comum com os infinitivos do grego e do osco-umbro. A explicação da origem dos infinitivos dada por Palmer é muito semelhante a que se encontra em Besselaar: originalmente os infinitivos eram casos de nomes deverbais que gradualmente perderam suas funções nominais, adquirindo aos poucos distinções morfológicas de tempo e voz e, portanto, passaram a fazer parte integral do sistema verbal latino. Além disso, semelhantemente a Besselaar, Palmer explica a origem do infinitivo verbal como derivando de um infinitivo de finalidade (*infinitive of purpose*) e utiliza o exemplo de *dare bibere* (literalmente, “dar ‘para’ beber” (*give to drink*)), em que a forma do infinitivo presente tem uma antiga terminação de dativo ou locativo (1954, p. 319).

Diferentemente de Besselaar, Palmer discute o valor aorístico do infinitivo, relacionado a seu caráter relativo nas construções de A. c. I., e sua neutralidade, no infinitivo histórico (que simplesmente nomeia a ação); ambas são, para Palmer, características do infinitivo como uma espécie de aoristo latino.

O A. c. I., segundo Palmer e Besselaar, origina-se de um deslocamento do infinitivo imperativo de uma construção jussiva, que seria uma construção como *iussit eum manere*, para Palmer. Segundo o autor inglês, esse tipo de construção de “objeto direto + infinitivo (*eum manere*)” teria sido entendida como uma frase completa (imperativa) e, por um processo de deslocamento, acusativos como *eum* passaram a ser entendidos como sujeitos das frases de infinitivo. Por analogia, a construção se repetiu com outros verbos de persuasão, ordem e exortação (*postulo, dehortor, decerno* etc.), e destes para verbos volitivos e outros grupos, o que teria dado ao A. c. I. o estatuto de uma construção comum no latim clássico.

A intenção de Ernout e Thomas em sua *Syntaxe latine* (1951) é levar ao público estudantil resultados de pesquisas efetuadas nos cinquenta anos precedentes a edição de sua obra (1951, p. vii-viii). A *Syntaxe latine* não é, portanto, uma gramática escolar, mas sim uma série de artigos ou tratados sobre questões relacionadas à sintaxe latina. Segundo os autores, na *Syntaxe latine* (1951), intenta-se uma maior precisão dos conceitos a respeito das construções da língua literária, familiar e vulgar. Além disso, afirmam que sua preocupação não é somente com a correção, mas também em demonstrar porque algumas formas foram mais bem sucedidas do que outras no processo de evolução da língua. O método é primeiramente o de descrição e taxonomia – semelhante ao de Besselaar nos capítulos 1 a 12 do *Propylaeum* – e, em seguida, de explicação dos processos evolutivos por meio da comparação das formas e seus usos, para decidir quais prevaleceram e quais não, e as possíveis razões do sucesso ou insucesso dessas construções, o que Besselaar faz nas *Anotações* do Capítulo 13. Portanto, nota-se em Ernout e Thomas um interesse

pela diversidade de construções possíveis. Além disso, em sua apresentação dos conteúdos, os dois autores são amigáveis com seus leitores, pois traduzem todos os exemplos ou pelo menos as partes pertinentes destes.

Na introdução, chamada de “Generalidades”, os autores apresentam sua metalinguagem (terminologia sintática); apresentam também informações a respeito da história da língua latina, e distinguem *sermus cottidianus* de literário (1951, p. 1). Para os autores, assim como para Besselaar e Palmer, o infinitivo presente, ativo e passivo, é um antigo substantivo que, por um processo de evolução, veio a nomear, de maneira simples (sem traços de pessoa e número), a ação do verbo (1951, p. 215). O infinitivo propriamente dito é o infinitivo presente, que pode desempenhar função de nominativo sujeito ou de complemento acusativo. A função de acusativo também pode ser desempenhada pelo supino e o gerundivo preposicional (*ad* + gerundivo). De fato, as funções de acusativo, genitivo, dativo e ablativo do antigo nome verbal são exercidas, no latim clássico, pelo gerundivo (genitivo) e pelo supino ou gerundivo (dativo ou ablativo). As formas nominais do verbo são apresentadas pelos autores, diferentemente de Besselaar, como parte de uma flexão de casos de um antigo nome verbal. Distinguem uma função atributiva (*esse* + infinitivo) e afirmam que o tempo, na forma do presente do infinitivo, apenas nomeia a ação verbal, já o infinitivo perfeito nomeia a ação acabada (*achevéé*) (1951, p. 218). Para Ernout e Thomas, na linguagem jurídica, o infinitivo perfeito nomeia uma ação verbal atemporal (chamado de infinitivo com valor aorístico por Palmer): *nequis eorum Bacanal habuisse uelet* (Catão). Esse seria, segundo os autores, um caso de influência do grego, que haveria colaborado com a permanência dessa construção, como demonstrariam citações de textos jurídicos (1951, p. 219).

O infinitivo de finalidade conserva a antiga função de dativo, mas nesta é substituído pelo supino nas construções com verbos de movimento (ERNOU; THOMAS, 1951, p. 272). A proposição infinitiva é comum com verbos de dizer (*dicendi*) e opinar (*declarandi*), e os que exprimem uma percepção ou sentimento (*uerba sentiendi*). Os verbos impessoais e algumas locuções têm relação com um desses três grupos.

Segundo Ernout e Thomas (1951, p. 274), a ação enunciada pela proposição infinitiva pode estar em um tempo diferente da ação do verbo principal (*le verbe déclartif*). Apesar de falarem sobre tempo, a distinção que os autores fazem parece ser mais de aspecto. Nesse sentido, a oposição é entre os tempos do infinitivo, que expressam uma ação acabada (*achevéé*) ou inacabada (*non achevéé*) com relação à ação do verbo da principal, seja no passado (pretérito), no presente (infinitivo presente) ou no futuro. Todavia, essa distinção neutraliza-se e o infinitivo presente substitui o infinitivo pretérito e o futuro se o verbo da principal exprime por si mesmo (em sua semântica essencial) uma ideia de passado (*memini*) ou futuro (*spero*).

Portanto, não existe uma distinção entre anterioridade, simultaneidade, ou posterioridade em Ernout e Thomas similar a que se encontra em Besselaar, mas uma oposição entre uma ação acabada (*achevéé*) ou inacabada (*non achevéé*) expressa pelo verbo da oração infinitiva em relação à ação do verbo da oração principal.

O último material aqui analisado é a *Sintaxis estructural del latín*, de Rubio (1966). Assim como Ernout e Thomas, Rubio anuncia em seu “Prefácio” que fará uma exposição de avanços das pesquisas sobre sintaxe latina. Essa exposição está concentrada em uma longa introdução, na forma de uma apresentação de ideias e noções estruturalistas que o gramático considera como sendo as mais importantes para o estudo da sintaxe do latim. Trata-se de uma seção de 57 páginas (e doze capítulos) que antecede a apresentação dos conteúdos da sintaxe latina, em que o autor apresenta o que chama de uma nova sintaxe: um paradigma e um método de análise que diferem do tradicional. Nesse sentido, Ernout propõe uma sintaxe estrutural do latim.

A partir da página 234, Rubio começa sua discussão dos modos verbais na oração independente. No capítulo que começa neste ponto, o gramático só trata da oração simples independente, deixando a subordinada para capítulo posterior. Ao discutir o modo verbal, Rubio inicia pela significação fundamental (comum/zero) do modo subjuntivo do significante. Para isso, apresenta um diagrama com dois eixos: o da forma verbal (real, potencial, irreal) e o da modalidade da frase (assertiva, interrogativa, impressiva), que é determinada por melodias e ritmos de pronúncia das formas verbais. Na visão estruturalista de Rubio, o eixo da modalidade da frase é extralinguístico, pois é dependente do falante (*parole*) e não tem relação direta com a língua (*langue*).

140

Rubio critica os gramáticos um pouco anteriores à sua época: Ernout, Blatt e Bassols de Climent (gramáticos tradicionais e comparatistas), aludindo à discrepâncias e contradições; segundo Rubio, eles não perceberam a independência entre os dois eixos acima mencionados, e, por conseguinte, atribuíram ao verbo, por exemplo, assertividade como característica intrínseca, a qual é, na verdade, uma característica da frase ligada às diferentes qualidades (modalidades) psíquicas do falante (*diathéseis tês psychês* – modalidades da alma, *animus loquentis*). Ou seja, a assertividade e as outras modalidades são, para Rubio, fatores extralinguísticos, e os modos linguísticos (real, potencial, irreal) do eixo I são independentes desses fatores (1966, p.235-240). Nesse sentido, Rubio afasta-se da gramática tradicional, pois não considera como território da linguística muitas das questões que são abordadas no antigo modelo.

Segundo Rubio, o infinitivo opõe-se (é neutro em relação) ao bloco real-potencial-irreal do eixo I, porque é impessoal: uma abstração da ação verbal. Por conseguinte, o valor neutro do infinitivo permite-lhe substituir os três modos: indicativo (real), o potencial e o irreal. De acordo com o autor, já



Prisciano (séc. VI) havia se dado conta desse fenômeno, como mostra o livro IV das *Institutiones grammaticae: hoc uerbum generale esse et pro omni posse accipi modo uerborum* (“o infinitivo do verbo ‘ser’ substitui todos os modos verbais”). Quanto às modalidades, o autor nos diz que o mesmo que se aplica aos verbos, nomes e outras classes de palavras aplica-se também ao nome verbal infinitivo: a modalidade é um fator extralinguístico, e as modalidades são as mesmas para quaisquer frases, a saber: podem ser asseverativas, deliberativas ou jussivas. Portanto, o infinitivo substituirá frases sinônimas com verbos no indicativo, no subjuntivo e no imperativo ou sem verbos (interjeições, por exemplo) (1966, p. 249-250).

Ao utilizar a noção da interrelação de um eixo de modos (eixo I – linguístico) e outro de modalidades (eixo II – extralinguístico), Rubio afasta-se tanto da teoria sintática tradicional com sua exuberante nomenclatura quanto da pesquisa histórico-comparativa, que se preocupava, fundamentalmente, com a evolução das formas em sua relação com a semântica dos verbos (volitivos, *dicendi*, jussivos etc.). A interpretação estruturalista do infinitivo apresentada por Rubio é extremamente econômica se comparada a todos os gramáticos estudados até aqui, inclusive Besselaar. No entanto, embora procure se desvincular retoricamente da gramática tradicional, quando classifica o infinitivo como nome verbal, e, no geral, em seu uso da nomenclatura e definições tradicionais (por exemplo, na citação que faz de Prisciano), Rubio continua vinculado à tradição gramatical de que comungam todos os gramáticos citados neste artigo.

### 3. Considerações finais

No *Propylaeum Latinum*, Besselaar utiliza o paradigma histórico-comparativo de maneira palatável ao iniciante, fazendo comparações entre o latim e o português, e destes com outras línguas românicas e germânicas, como o neerlandês, o inglês e o alemão. Em suas discussões, constata-se a importância de estudiosos que escreveram em línguas germânicas, sendo estes a maioria dos autores citados na bibliografia: Palmer (1954), Ernout (1951), Regula (1951), Sommer (1930), Woltjer (1924), todos seguidores do comparatismo alemão, mas que, paradoxalmente, também fazem uso da gramática tradicional em sua metalinguagem. A motivação para essa adesão a dois sistemas tão distintos no estudo da sintaxe latina parece ter relação com a crença desses autores que embora o antigo modelo, que classificam de aristotélico, tenha sido em grande parte complementado pelo comparatismo, isso não aconteceu no que diz respeito à sintaxe e à semântica. Nesse sentido, embora José van den Besselaar utilize a gramática tradicional na apresentação dos conteúdos da sintaxe latina, emprega uma abordagem híbrida em seu aprofundamento. Vale salientar que esse método não é incomum à época

da publicação do *Propylaeum*. De fato, todos os gramáticos discutidos neste artigo, contemporâneos ou citados por Besselaar, utilizavam a gramática tradicional pensando que a linguística histórico-comparativa fosse uma continuação do antigo paradigma greco-latino, que conteria a parte lógico-filosófica e psicológica que faltaria ao comparatismo.

Outra consideração pertinente aos estudos sobre a história do ensino do latim no Brasil são as análises translinguísticas do *Propylaeum*: comparações que Besselaar emprega de frases do português do Brasil na explicação da sintaxe latina, em que faz uso de equivalências e contrastes com construções de orações do português de sua época, de uso formal, especialmente do registro escrito. Nesse sentido, ao explicar o A. c. I., Besselaar utiliza exemplos como “O menino a obrigou entrar no carro”, “Não é bom ser muito perfeccionista”, “Não o fez cruzar a fronteira”, que considera estruturas pertencentes ao que chama de “linguagem elevada”. Essa opção didática demonstra uma preocupação que não se observa em livros didáticos brasileiros contemporâneos ao *Propylaeum* e possivelmente mesmo nos de hoje em dia. Sua análise de estruturas do português que refletem estruturas latinas é coerente com seus princípios comparatistas: o português é uma língua românica, logo, possui virtualidades herdadas do latim, entre elas um tipo de A. c. I.

Em sua metalinguagem, Besselaar faz uso do termo “cláusula” para se referir ao que tradicionalmente é chamado de “oração”. O uso desse termo, bem como a utilização constante de exemplos em língua inglesa, não é apenas uma estratégia que o gramático holandês utiliza para aproximar os alunos brasileiros dos conteúdos, mas é também um indício de sua vinculação com a tradição germânica, em que se formou como romanista.

Besselaar apresenta uma diferença notável com relação aos outros gramáticos aqui estudados: sua abordagem dos conteúdos não segue a ordem canônica. Por exemplo, ele inicia o primeiro volume de sua sintaxe com um capítulo inteiramente dedicado a aprendizagem dos infinitivos. Tovar (1946), que guarda muitas semelhanças com o trabalho do estudioso holandês, apresenta o conteúdo referente ao estudo dos infinitivos junto aos demais conteúdos sintáticos e verbais, em vez de colocá-los todos em um capítulo de estudo próprio, como faz Besselaar.

Para o gramático holandês, uma língua é definida como um conjunto de formas que apresentam correspondências laterais e verticais situadas no tempo (SWIGGERS, 2004, p. 128). A tese de que a gramática tradicional não só antecede, mas é também complementada pelas descobertas efetuadas no âmbito da linguística histórico-comparativa, indica que a concepção de história dos estudos da linguagem de Besselaar é cumulativa (KOERNER, 1989, p. 51-52), já que assume, na prática, que o programa histórico-comparativo é a evolução natural dos estudos gramaticais, dando conta da descrição dos

processos evolutivos das construções latinas. De fato, a linguística histórico-comparativa é vista como um desenvolvimento da gramática tradicional (TOVAR, 1946, p. v). A retórica de Besselaar é, portanto, de compromisso com a gramática tradicional (MURRAY, 1998, p. 25). Nesse sentido, pode-se dizer que no *Propylaeum Latinum* não existem evidências de uma quebra de paradigmas na história dos estudos da linguagem, mas que representa um exemplo de uma fase de ciência normal (KUHN, 2009 [1963]), em que se identificam esforços de assimilação de novas descobertas em prol da manutenção do paradigma mais antigo.

### Referências

BESSELAAR, J. van den. *Propylaeum Latinum* – Volume I: Sintaxe Latina Superior. São Paulo: editora Herder, 1960.

\_\_\_\_\_. *Propylaeum Latinum* – Volume II: Leitura, Exercícios, Vocabulário. São Paulo: editora Herder, 1960. 303 p.

\_\_\_\_\_. *Antônio Vieira: profecia e polêmica*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

ERNOUT, A.; THOMAS, F. *Sintaxe latine*. Paris: Klincksieck, 1951.

FREIRE, J. G. *In memoriam* de José van den Besselaar (1916-1991). *Humanitas*: Boletim de Notícias da Universidade Coimbra. Coimbra: FLUC, 1991. p. 225-229. Disponível em: <[https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas41-42/12\\_not\\_e\\_coment.pdf](https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas41-42/12_not_e_coment.pdf)>. Acesso em: 22/3/2021.

KOERNER, E. F. K. Models in linguistic historiography. In: KOERNER, E. F. K. (Org.). *Practicing linguistic historiography: selected essays*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1989. p. 47-59.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009 [1963].

MURRAY, S. O. *Theory groups in science*. In: *Theory groups and the study of language in North America: a social history*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998. v. 69. p. 1-26.

PALMER, L. R. *The Latin Language*. London: Faber and Faber, 1954.

REGULA, M. *Grundlegung und Grundprobleme der Syntax*. Heidelberg: Universitätsverlag, 1951.

RUBIO, L. *Introducción a la sintaxis estructural del latín*. 3 ed. Barcelona: Ariel, 1966.

SOMMER, F. *Vergleichende Syntax der Schulsprachen*. Leipzig-Berlin: Teubner, 1930.

SWIGGERS, P. Modelos, métodos y problemas en la Historiografía de la Lingüística. In: *Nuevas aportaciones a la Historiografía Lingüística*, 4: 2003, La Laguna. Actas... La Laguna: ARCO/LIBROS, S. L., 2004. p. 113-45.

TOVAR, A. *Gramática histórica latina: sintaxis*. Madrid: S. Aguirre, 1946. 233 p.

\_\_\_\_\_. *Lingüística e filología clásica: su situación actual*. Madrid: Revista de Occidente, 1944.

WOLTJER, J. *Latijnsche Grammatica*. Groningen-Den Haag: J. B. Wolters, 1924.